



Resgatando o Patrimônio Musical de Diamantina

Simone Santos (UFVJM): Departamento de Linguística e Língua Portuguesa - UFVJM
Acadêmico de Licenciatura em Letras: Diego Aguilar
Acadêmica do Conservatório de Música Lobo de Mesquita de Diamantina: Cindy Silva

Resumo

O presente artigo visa a socializar as ações extensionistas empreendidas em torno do resgate do arquivo de partituras da Banda de Música do 3º Batalhão da Polícia Militar da cidade de Diamantina/MG. Como um dos berços da música mineira, a cidade guarda hoje um rico acervo

de partituras musicais, datados entre os séculos XIX e XXI, mas que não contam com nenhuma política de salvaguarda, o que torna urgente o trabalho de resgate desses acervos. Para alcançar nossos objetivos, nos valem, sobretudo, dos trabalhos de André Cotta (2000, 2006, 2011), o qual tem se debruçado, do ponto de vista teórico-metodológico, no tratamento da informação de arquivos musicais brasileiros, e nos trabalhos

de Charaudeau (2008), no âmbito da Análise do Discurso, tendo em vista a projeção da memória e de estratégias identitárias presentes nesses arquivos.

Palavras-chave: Arquivologia Musical; Tratamento da Informação; Arquivo de Partituras.

1 - Introdução

A cidade de Diamantina é reconhecida mundialmente, entre outros fatores, pela riqueza do seu acervo cultural – que se traduz na amplitude do seu parque arquitetônico, na forte presença artística e musical e no reconhecimento de práticas jurídicas, literárias e sociopolíticas que evidenciam a importância das ideias e indivíduos da sociedade local e suas interações com as produções de outras regiões e processos sociais emergentes, tanto na Europa quanto na própria América.

Em meados do século XVIII, o sonho do eldorado lusitano finalmente se concretizava. O avanço de pioneiros rumo ao interior do Brasil foi premiado com o descobrimento de metais preciosos na região das “Gerais”. O Arraial do Tijuco estava destinado a seguir a vocação mineradora, pois nessa localidade foram encontrados metais preciosos e pedras preciosas como o diamante. O Arraial passou a ser o centro do Distrito Diamantino e a Coroa instalou ali um aparato administrativo-tributário responsável pelo controle fiscal da produção mineira. A ocupação portuguesa ultrapassou as condições burocráticas, chegava ao Tijuco a cultura e o modo de vida portuguesa, possibilitando o desenvolvimento de um “diálogo” intercultural, não sem resistência, não sem sofrimento, tendo em vista a base escravocrata que sustentava o garimpo local. Esse contato resultou em manifestações religiosas e musicais que enraizaram-se na região, formando boa parte do patrimônio imaterial diamantinense, presente até os dias atuais. Diamantina possui um patrimônio arquitetônico, cultural e natural rico e preservado.

Fica localizada na borda da Serra do Espinhaço, dividindo as bacias do Rio São Francisco e do Rio Jequitinhonha. É uma região mais afastada dos grandes centros urbanos e, por isso mesmo, menos populosa e mais preservada. Com quase três séculos de fundação, passando de povoado a arraial até chegar a município, Diamantina é uma cidade rica em história e tradições. Os desbravadores chegaram em busca do ouro, mas não demorou para que descobrissem que a vocação daquela terra era outra. Uma vocação que presenteou o homem com uma verdadeira preciosidade, ou seja, a formação do município está intrinsecamente ligada à exploração de diamantes, atividade que inspirou a designação da cidade.

É com a descoberta das lavras de diamante que, em 1832, a região ganha status de vila para, em 1838, tornar-se cidade. Cem anos depois, Diamantina é tombada como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural Nacional e, em 1999, após um longo processo de documentação e registro, é reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Do Arraial do Tijuco originou-se Diamantina, mas, para além do conjunto arquitetônico e urbanístico, a cidade comporta outros elementos que a definem como patrimônio cultural da humanidade. A influência europeia marcou profundamente a cultura local, notabilizada pelas serestas, os arraíolos, os saraus e as trovas. Essas manifestações, tipicamente portuguesas, ao longo dos anos, passaram por adaptações locais, adquirindo singularidades e refletindo a identidade da comunidade local.

O vigor da produção musical do Arraial do Tijuco foi revelado pelas pesquisas do musicólogo Francisco Curt Lange. Segundo Fernandes e Conceição (2007, p.267), a presença musical é indissociável da identidade cultural de Diamantina. Uma legião de músicos, principalmente negros e mestiços livres ou alforriados por circunstâncias diversas, esmerava-se no desempenho de sua arte, em busca de independência econômica e afirmação social perante as elites. A tradição musical portuguesa, bem como a do



próprio negro africano, e a nostalgia provocada pelo isolamento nas montanhas do interior do país, são algumas das explicações possíveis para a presença marcante da música, em todo e qualquer acontecimento social, desde os primórdios da formação do Tijuco. Atualmente, um número crescente de viajantes desloca-se para a cidade com o objetivo de participar das “vesperatas”, que ocorrem mensalmente, de abril a outubro, na Rua da Quitanda, no centro histórico. A cidade ainda cultiva a paixão pelo piano, instrumento presente e vivo no cotidiano das famílias, bem como possui um número expressivo de músicos que se destacam no Jazz, na Valsa, na Bossa Nova, no Samba, no Chorinho, na Serenata, na MPB e na música erudita.

Apesar da presença forte desse patrimônio musical, o qual também ganha espaço no Conservatório de Música Lobo de Mesquita, uma das poucas escolas de música estaduais existentes no Estado de Minas Gerais, a cidade é carente no que se refere a políticas de preservação de arquivos musicais seculares, como o acervo da Banda de Música do 3º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, foco das ações extensionistas subjacentes a este texto.

Primeiramente, é preciso observar que não existe, em pleno século XXI, uma política efetiva de tratamento e preservação do patrimônio cultural brasileiro. A lei do direito autoral 9.610/98, que ampliaria o acesso a documentos, por exemplo, está paralisada no Congresso Nacional. A atual conjuntura político-econômica que o país enfrenta tem inviabilizado a abertura de editais destinados a este fim. Diante disso, somente uma mobilização de profissionais ligados a diversas áreas de conhecimento, a exemplo da História, Musicologia, Arquivologia e Estudos da Linguagem poderá viabilizar as ações necessárias para modificar esse quadro, já que, entre outros fatores, os cursos de graduação ligados à gestão da informação não nos parecem disponibilizar profissionais suficientes para lidar com a quantidade de arquivos espalhados pelo país, sobretudo quando se trata de arquivos presentes no interior do Brasil, como é o caso dos acervos diamantinenses.

Alguns órgãos, como o IPHAN¹, estão presentes na preservação de acervos, como, por exemplo, os presentes na Biblioteca Antônio Torres, situada

1. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

no Centro histórico de Diamantina. Já outros acervos, como o de partituras musicais da Banda de Música do 3º Batalhão da Polícia Militar e o arquivo de partituras da Mitra Arquidiocesana de Diamantina, carecem de cuidados emergenciais, no que se refere ao acondicionamento, higienização, inventariação e digitalização. Tudo isso é agravado se considerarmos o aspecto temporal e as condições de armazenamento, que vão deteriorando dia após dia esses documentos históricos, os quais refletem e refratam a identidade e a memória da cidade e de seus habitantes.

Além disso, para propormos a instauração de um “paradigma da acessibilidade”, proposto por Cotta (2011, p. 481), segundo o qual seria admitido o livre fluxo das informações necessárias a atividades diversas, estimulando a produtividade dos pesquisadores e da comunidade local – teríamos que pensar em formas de disponibilização desses acervos, garantindo sua ampla divulgação, sem, contudo, expor tais documentos ao manuseio excessivo ou a situações de risco, como as propiciadas pelo ambiente físico em que esses acervos, em geral, se encontram.

Para atuar na preservação desses arquivos musicais, submetemos projetos de extensão e pesquisa e montamos uma equipe que, hoje, é composta por três estudantes, os quais têm trabalhado diretamente com o inventário do acervo de partituras do 3º BPM. Concomitante a essas ações de extensão, a equipe tem desenvolvido pesquisas a partir do acervo em nível de Trabalho de Conclusão de Curso e Iniciação Científica, o que tem contribuído bastante para a divulgação das ações realizadas pela equipe.

Do ponto de vista interinstitucional, a presente proposta dialoga com o projeto intitulado **“Discursos sociais, estratégias identitárias e representações da memória: explorando acervos da Região dos Inconfidentes”**, coordenado pelo Prof. William Augusto Menezes, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), na medida

em que pretende participar da construção de um centro de pesquisa em acervos ligados a cidades históricas de Minas Gerais. O referido projeto, já bastante consolidado no Programa de Pós da UFOP, vem trabalhando com acervos materiais e imateriais da Região dos Inconfidentes, mapeando-os e realizando pesquisas em diversas frentes temáticas, ligadas a domínios discursivos, como a publicidade, o discurso jurídico o midiático, narrativas de vida, entre outros.

2 - Percorso teórico

Do ponto de vista teórico, as ações extensionistas se apoiam no instrumental advindo da Musicologia e Arquivologia Musical, da Ciência da Informação e da Análise do Discurso. A partir dessa interface teórica, advinda de campos distintos, o arquivo musical é visto como patrimônio cultural, na medida em que se configura como bem cultural da região, e prática sociodiscursiva, na medida em que nos permite visualizar a projeção de identidades, memória e história, o que nos possibilita compreender como a sociedade diamantinense se comunica(va) por meio dessas práticas linguageiras/musicais.

Marc Angenot, ao apresentar a noção de discursos sociais, enfatiza o caráter interlocutório daquilo que se diz e se escreve na sociedade — o que, segundo esse autor, não é jamais aleatório nem inocente. Mesmo uma querela de trabalho tem as suas regras e papéis, sua tópica, sua retórica e sua pragmática; e tais regras não são as mesmas de uma mensagem episcopal, de uma produção literária, artística ou musical, de um editorial ou declaração de um deputado. Ora, acrescenta o autor, isso ocorre porque tais regras não derivam do código linguístico enquanto tal. Elas não são atemporais, como se pensa o sistema da língua, mas formam um objeto particular, autônomo, essencial ao estudo do homem em sociedade. Esse objeto constitui, então, a maneira como as sociedades se conhecem pelo ato de falar, de escrever e de produzir sentido, enfim, pela

própria maneira como o homem em sociedade se narra e se argumenta.

Essa característica frisada por Angenot (1989) faz dos discursos, numa determinada situação de fala ou escrita, uma categoria de análise que percebe a produção da linguagem nos diversos domínios de prática social (como o político, o jurídico, o científico, o religioso, o literário, o musical etc.) como discursividade motivada, participante da construção da esfera pública em que circula. Trata-se, portanto, de uma noção que contém, em si, elementos de marcação identitária, bem como traços da memória individual e coletiva.

Contudo, uma visão sobre a questão identitária se evidencia nas próprias estratégias do sujeito que toma a palavra, deixando-a como registro da fala (ou escrita) no passado.

Patrick Charaudeau, na sua teoria de análise do discurso – a semiolinguística, leva-nos a perceber que a estruturação de qualquer ato de linguagem comporta dois espaços distintos: um espaço de coerções, que diz respeito aos dados mínimos aos quais é preciso satisfazer para que o ato seja válido, e um espaço de estratégias que corresponde às possíveis escolhas que os sujeitos podem fazer da encenação do ato de linguagem (CHARAUDEAU, 1995). A noção de estratégias articula-se, portanto, ao modo como um sujeito (individual ou coletivo) é conduzido a escolher (de maneira consciente ou não) um número de operações linguageiras, num quadro de coerções ou limitações (regras, normas ou convenções) compartilhado pelos participantes da relação discursiva.

Dessa forma, ao se propor o estudo das “estratégias identitárias”, tem-se em vista a dimensão interlocutória de toda fala que se constitui no espaço público. Como frisa Angenot (1984), trata-se, assim, do exame daquilo que se fala ou se escreve a alguém, numa situação concreta, para determinada(s) finalidade(s). Em nosso caso, frisamos, aquilo que, como dito ou escrito por um

sujeito e endereçado a alguém, nas circunstâncias de discurso, se tornou documento ou monumento (LE GOFF, 2003, pp. 525-41), favorecendo-nos uma leitura dos acontecimentos do passado e das estratégias identitárias projetadas em tais acontecimentos.

Ter em vista o exame dos acontecimentos discursivos – ou aquilo que aconteceu no mundo segundo uma construção dos sujeitos, pelo discurso – coloca-nos a possibilidade de aproximação entre as áreas da Análise do Discurso (ou Linguística do Discurso), da Arquivologia Musical e da Ciência da Informação, uma vez que, a partir de uma análise das partituras, podemos mapear marcas identitárias deixadas pelos sujeitos que as compuseram e, ao mesmo tempo, preservar e difundir informações a respeito do arquivo para o grande público.

Numa proximidade para com o trabalho do historiador – para quem o arquivo corresponde ao *locus* onde se encontram depositadas as fontes do seu ofício –, a noção de arquivo em Análise do Discurso comporta uma dimensão de local onde se encontram os *corpora* que permitem visualizar e proceder a recortes na produção de enunciados que foram conservados e guardados por uma determinada sociedade. Há, no entanto, que se desenvolver essa noção para perceber o arquivo como reunião dos enunciados de um mesmo posicionamento, de um mesmo sistema geral de formação e transformação (FOUCAULT, 1971), que são inseparáveis de uma memória e de instituições (MAINGUENEAU, 1998).

Diante disso, o projeto de extensão o qual estamos desenvolvendo possui um duplo objetivo: 1) o resgate do patrimônio musical diamantinense materializado pelo arquivo de partituras da banda de música do 3º BPM, a partir de uma metodologia advinda da Arquivologia Musical e da Ciência da Informação; e 2) a formação de um banco de dados em Estudos da Linguagem, mais especificamente centrado em interesses da Análise do Discurso e reconhecimento dos

acervos da Região.

3 - Procedimentos metodológicos e alguns resultados obtidos

As ações extensionistas se constituíram a partir dos seguintes procedimentos metodológicos:

- a) visita ao arquivo de partituras do 3º BPM, para execução da pesquisa/levantamento de dados;
- b) inventariação de parte do arquivo, que consistiu na descrição e catalogação de documentos de abrangência do arquivo em questão;
- c) levantamento bibliográfico e leitura e discussão de textos teóricos;
- d) visita a acervos de partituras musicais presentes no Museu de Música de Mariana (Mariana/MG) e no acervo Curt Lange (Biblioteca Central da UFMG).

3.1 - O processo de inventariação e alguns resultados objetivos

Inicialmente, a equipe identificou onde estavam armazenadas as fontes musicais existentes no arquivo da Banda de Música do 3º BPM e, em seguida, foi feito contato com o Comandante do Batalhão para institucionalizar a parceria entre a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e a Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG).

Com essa primeira abordagem, foi possível constatar que existem fontes musicais em quatro armários de aço com quatro gavetas cada. Todas as gavetas possuem uma pasta específica que identifica o gênero musical e os arranjos existentes, havendo, assim, um índice para cada partitura do arquivo. A partir da leitura dos

índices, o projeto teve início com a identificação e o registro dos gêneros musicais: hinos, canções e marchas. Todo o processo de inventariação foi devidamente registrado no Diário de Trabalho da equipe e, posteriormente, inserido em tabelas.

No primeiro trimestre do projeto, inventariamos os gêneros musicais, hinos, canções e marchas, totalizando de mais de 200 arranjos. Um trabalho árduo, cauteloso e muito gratificante. Mesmo sabendo que ainda estamos no início do trabalho, já foram encontrados manuscritos de integrantes da Banda que registram a memória e a identidade desta corporação musical, a exemplo de arranjos escritos por um dos membros fundadores, João Baptista Teixeira (1892-1900), e outros arranjos escritos por membros notáveis como Arnulfo Lisboa (1930-1950) e Edson Soares de Oliveira (1980-2000).

A equipe organizou e registrou também códigos antigos, detalhamentos sobre partes de instrumentos presentes nas grades das partituras, datas de composição ou transcrição das partituras, nome dos compositores e copistas, nomes atribuídos às obras, data de criação, indicação dos arranjos feitos e ausência de partes de



Vesperata em Aparecida
Fonte: arquivo de partituras do 3º BPM



Figura 1
Fonte: Arquivo de partituras do 3º BPM

instrumentos em algumas obras.

A maior parte das músicas registradas até o momento foi de hinos. Alguns não indicavam dedicatória ou data de criação e não possuíam sua grade completa, faltando algumas partituras de instrumentos específicos. Não sabemos o porquê do desaparecimento dessas partituras, mas, em conversa com integrantes da Banda, constatamos que existia uma tradição nas formações anteriores que o músico, quando estava preste a se aposentar, levava para sua casa partituras da música com a qual ele mais se identificava.

Destacamos que, em alguns desses hinos, foi possível ver dedicatórias apresentadas no verso, capa ou no final da partitura, destinadas a uma pessoa de grande relevância na época, a exemplo da Figura 1, cujo conteúdo expressa a seguinte informação: “Hynno – Offerecido ao Excm. Senr. Dor. Velloso, pelo Mestre da musica do 4º Corpo”.

Cada arranjo ali encontrado de um mesmo hino foi colocado em um papel plástico, a fim de preservar sua integridade física e mantê-lo

separado de outros arranjos. Estes foram registrados na Folha de Registro Físico.

A equipe registra em média 15 pastas por dia, dois a três arranjos para banda, quartetos, quintetos ou canto-coral. Tanto as cópias quanto as partituras originais foram mantidas na mesma pasta, separadas em diferentes envelopes plásticos².

A partir do inventário de parte do arquivo, datado dos séculos XIX e XX, foram mapeadas as origens do acervo da Banda de Música do 3º BPM. Foram encontradas partituras e arranjos de autoria do primeiro regente e fundador da Banda de Música do 3º BPM, Maestro João Baptista Teixeira. Registramos o primeiro arranjo da Banda de Música do 3º BPM, composto por esse Maestro e intitulado “Hino ao ex Senador Doutor Veloso”, escrito no ano de 1882.

2. Ressalta-se que o papel alcalino é o material mais adequado para se fazer um correto acondicionamento do arquivo. Contudo, não dispomos ainda de recursos para desenvolver essa etapa de tratamento do acervo.

Podemos notar nas Figuras 2 e 3 que os manuscritos ainda estão com uma boa inteligibilidade. Contudo, mediante a precariedade do acondicionamento e, também, a idade do papel, algumas partes já estão danificadas. É preciso fazer rapidamente uma análise mais detalhada da estrutura harmônica desse hino do século XIX.



Figura 2 - Fonte: arquivo de partituras do 3º BPM

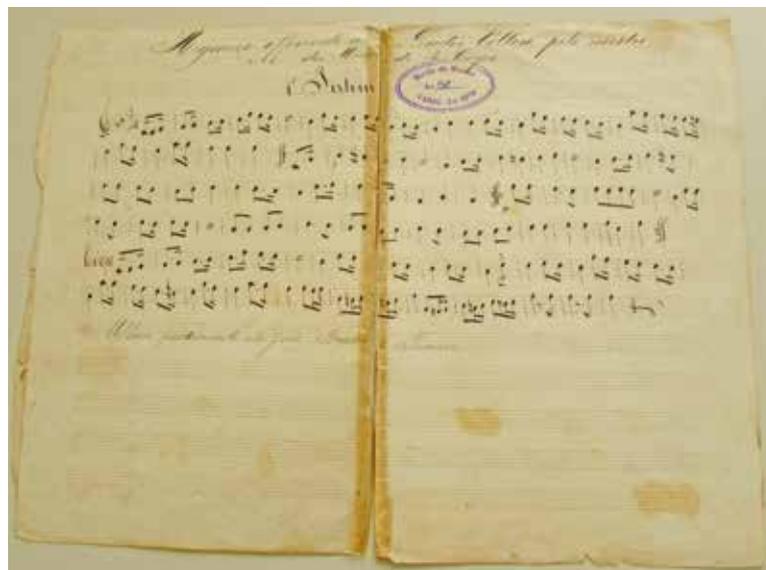


Figura 3 Fonte: arquivo de partituras do 3º BPM

4 - Considerações Finais

O inventário sobre o arquivo de partituras da Banda de Música do 3º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais está em fase de desenvolvimento, de modo que, em breve, com o término dessa etapa do trabalho, a equipe terá uma melhor noção da amplitude e do valor documental desse arquivo. Isso nos possibilitará aventar hipóteses sobre as estratégias identitárias projetadas pelos sujeitos nesses documentos, bem como também promover novas ações para conservação e divulgação do arquivo. ◀

Referências

- ANGENOT, Marc. **Le discours social: problématique d'ensemble**. In: Gilles Bourque et alli (org). **Le discours social et ses usages**. Cahiers de recherche sociologique. V. 2, nº 1. Quebec: Montreal. 1984.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso – modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Une analyse semiolinguistique du discours**. *Langages*, 117. 1985, pp. 96-111.
- COTTA, A.G., and BLANCO, PS., org. **Arquivologia e patrimônio musical** [online]. Salvador: EDUFBA, 2006.
- COTTA, A.G. **O Tratamento da Informação em Acervos de Manuscritos Musicais Brasileiros**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, PPGCI, 2000.
- FERNANDES, Antonio C.; CONCEIÇÃO, Wander J. **La Mezza Notte: o lugar social do músico diamantinense e a origem das Vesperatas**. Revista Voz de Diamantina. Diamantina: UFVJM, 2007.
- FOUCAULT, M. **L'ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 1998.